

REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA

— Baluarte Ocidental

Major Médico

ALBERTO MARTINS DA SILVA

A História Militar Brasileira novamente se engrandece em comemorar, desta feita, o Bicentenário do Real Forte Príncipe da Beira. Localizado às margens do Rio Guaporé, no Território de Rondônia, este Forte representa o marco de uma visão político-militar em uma época de investidas aventureiras, em busca de ouro e gentios, e de cobiçosos interesses territoriais.

No cumprimento às ordens, em respeito à disciplina e ao amor à terra, e no equacionamento político das questões surgidas, sentimos, na afoiteza de um pequeno grupo — isolado e de poucos recursos militares — a estruturação de uma forte mentalidade militar e de uma consciência política defensora de uma região de vital importância. Somente a abnegação, a coragem e o cumprimento do dever transformam homens em leais colaboradores dos objetivos políticos que a pátria anseia realizar.

Cenário Histórico

A história do Real Forte Príncipe da Beira tem como antecedentes os feitos épicos de corajosos homens na disputa de áreas que interessavam a portugueses e espanhóis. Este passado perde-se na distância do tempo e, quanto mais pesquisado e sentido, aproxima-se significativo e majestoso no rompanete das ações que nossos antepassados ousaram, destemidamente, praticar.

O vale do Guaporé, o El Itenez dos bolivianos, tem sua história ressaltada quando passou a ser uma via de importância na ligação com a Bacia Amazônica e, por conseguinte, passagem dos intímoratos bandeirantes. Através do seu leito, cruzando suas margens homens lendários como Antonio Raposo Tavares, Felix de Lima, José Barbosa de Sá, Antonio de Almeida Moraes, e outros ganharam o sertão bravio em busca de ouro e gentios.

Nascendo na Chapada dos Parecís, o Rio Guaporé toma, de início, a direção sul para, face os espigões da Serra do Aguapeí, voltar-se na direção noroeste, até alcançar a Bacia Amazônica, através do Rio Mamoré. Este rio dividia interesses portugueses e espanhóis. Com a descoberta do ouro e as instalações das missões jesuíticas espanholas na área, as desconfianças alcançaram um nível indesejado; os espanhóis, que desejavam a internacionalização do Guaporé desde a barra do Sararé, ocuparam a margem direita, onde fundaram, a partir de 1743, as aldeias indígenas de Santa Rosa e São Miguel, próximas à barra do rio e da sede do Superior Jesuita das Missões, em Exaltacion del Mamoré. Era o início das lutas em busca do domínio do rio e das possíveis regiões auríferas, que eram valorizadas pelo grande número de tribos indígenas existentes (Baurés, Morés, Pacaá-Novos, Itens, Paimelas e Aríkenes).

A descoberta de minas de ouro naquelas paragens, data de 1783 quando foram intensificados os trabalhos na mina de São José dos Coceas (seis léguas de distância de Cubiará). Nos anos seguintes, foram descobertas as minas de Arraial Velho (1741), Corumbiara e Santa Rosa (1743) e Santa Isabel (1745). A corte portuguesa visando a um completo estudo da grande área ao longo do Rio Amazonas, para um levantamento das possibilidades econômicas das Novas Minas de Mato Grosso, e procurando sondar as intenções dos jesuítas espanhóis face à acupação ribeirinha e aos futuros entendimentos para o novo Tratado que já estava em estudo na Europa — Tratado de Madrid — organizou a grande Comissão Explo-

radora, em 1749, comandada pelo Sargento-mor Luiz Fagundes Machado, que compreendia uma (centena de pessoas incluindo os escravos, índios, cafusos e mamelucos).

A assombrosa façanha das Bandeiras, sertões a dentro, e a conseqüente ocupação de mais regiões ao longo dos itinerários, levaram a Corte de Lisboa a criar, pela Carta Régia de 09 de maio de 1738, no Brasil, mais uma Capitania Geral, a de Mato Grosso. Para seu primeiro Governador foi designado D. Antônio Rolim de Moura Tavares que somente chegou à nova terra em 1751, tendo procurado instalar seu governo na região ao norte de Cuiabá, à margem do Rio Guaporé, onde fundou Vila Bela, sob proteção da Santíssima Trindade, capital da nova Capitania.

Pelo tratado de Madrid de 1750 os espanhóis desocuparam a aldeia de Santa Rosa, vindo depois a reivindicar sua posse — já transformada em Fortim Nossa Senhora da Conceição — em conseqüência da anulação daquele Tratado.

Face à situação crítica criada, D. Antônio Rolim preparou-se militarmente com os poucos recursos de que dispunha, temendo uma investida espanhola. Para isto foi criado o Corpo dos Aventureiros, também chamado de Regimento do General, composto de "sertanistas que viviam de fazer entradas ao sertão e buscar gentio", com o soldo de Dragões sem farda; solicitou reforços de Cuaibá e do Pará. Como bom militar, D. Antônio Rolim atacou a aldeia de São Miguel antes que os espanhóis agissem, com completo êxito. Após esta vitória, as tropas do Governador partiram para as margens do Rio Itonamas onde bateu os 500 homens da catequese jesuítica lá existentes.

A partir de 1765 a situação em torno das margens do Rio Guaporé, permaneceu de expectativa. Com a chegada do novo Governador, João Pedro da Câmara, foi preparada nova tropa para evitar um ataque de surpresa por parte dos espanhóis ao Fortim da Conceição; embora os espanhóis estivessem em preparativos de guerra, a situação não chegou a rea-

lizar-se devido a ordens vindas da Europa onde as duas Coroas já tinham iniciado um novo "modus vivendi".

Ocupação Efetiva

Luis Pinto de Souza Coutinho, 3º Governador da Capitania do Mato Grosso, entre 1769 e 1772, foi substituído por Luis Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, descendente do Príncipe da Beira, pela Carta Régia de 29 de junho de 1771. O novo Governador trazia ordens Reais para um completo domínio das duas margens do Rio Guaporé; assim, fundou povoações fronteiriças e levantou fortificações como o registro de Insua, na extrema esquerda da Capitania; Viseu, frente à foz do Rio Corumbiara, em 1776; o presidio de Albuquerque (hoje Corumbá), em 1778; Vila Maria (hoje Cáceres) e Mondengo (hoje Miranda).

Para a melhor segurança da região do Guaporé, Pereira e Cárceres escolheu, para a edificação de um forte, a área próxima ao Fortim de Bragança (ex Fortim da Conceição) onde, a 20 de julho de 1776, lança a pedra fundamental do que seria batizado de Real Forte Príncipe da Beira, à margem direita do Rio Guaporé. Sua construção durou seis anos e tinha a forma de um quadrado de 110 metros de lado com quatro baluartes e paredes de dez metros de altura; à entrada principal chegava-se por uma porta de três metros de largura.

Seus quatro baluartes foram dedicados à Nossa Senhora, à Santa Bárbara, Santo Antônio de Pádua e Santo André Avelino. A pedra fundamental trazia a seguinte inscrição:

"JOSEPHO LUZITANIAE ET BRAZILIAE REGE FIDELISSIMO LUDOVICUS ALBUQUERQUIUS A MELLO PERERUS ET CARCERES REGIAE MAJESTATIS A CONCILLIS AMPLISSIMAE HUIUS MATO GROSSO PROVINCAE GOVERNATOR AC DUX SUPREMUS IPSIUS FIDELISSIMI REGIS NATU SUB AUGUSTISSIMO BEIRENSIS PRINCIPIS NOMINE SOLIDUM HUIUS ARCIS FUNDAMENTUM JACIENDUM CURAVIR ET PRIMUM LAPIDEM POSSUIT ANNO CHRISTI MDCCLXXVI DIE MENSIS JUNII".

A Ata foi assinada, além do Governador, por José de Melo e Silva Castro e Vilhena, Capitão de Dragões da Capitania, Samboceti, engenheiro da obra, José Manoel Cardoso da Cunha, tenente de Dragões, Tomé José de Azevedo, tenente em segundo de Artilharia, Joaquim Pereira de Albuquerque, Alferes de Dragões, e Joaquim Lopes Poupino, intendente das obras. O engenheiro Samboceti projetou o Forte e dirigiu sua construção até o ano de 1780, quando faleceu, atacado de malária. A continuação da construção ficou a cargo do capitão português Ricardo Franco de Almeida Serra, bravo militar e comandante do Forte Coimbra nos períodos de 1797-1806 e 1808-1809, que integrava a Comissão de Limites do Tratado de Santo Ildefonso (1777).

A inauguração do Forte deu-se a 20 de agosto de 1783 e contou com a presença do Governador da Capitania e representantes de Vila Bela e Cuiabá; no ato, a guarnição que ocupava o Fortim Bragança passou para as novas instalações, sob o comando do Capitão José de Melo e Silva. Firmava-se, assim, em caráter definitivo, o domínio das margens do Rio Guaporé pr tropas luso-brasileiras e que, aos poucos, foi oficialmente reconhecido por vários tratados posteriores.

Descrição de um visitante

Em carta escrita do Forte, em 21 de janeiro de 1906, o engenheiro Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques assim se expressava: "... Quem ao saltar no porto do Forte, depois de galgar a ladeira, deparar com esta obra monumental, no meio desta mataria enorme, há de por força esbarrar-se para contemplá-la e inquirir logo dos seus obreiros para admirá-los e honrá-los".

Em outro parágrafo diz o seguinte:

"Tudo aqui emociona porque tudo aqui é bom, tudo aqui é grande, tudo aqui é bem feito".

Mais adiante:

"Sem querer descrever o Forte, direi apenas que as quatro grandes muralhas que fecham o quadrado da fortaleza, feitas todas de pedra canga vermelha, perfeitamente cortada em forma de paralelepípedos e unidas por argamassa de cal e areia".

E continuando sua observação:

"Galgando-se o portão do Forte, penetra-se num espaçoso corredor que leva ao interior da fortaleza; corredor que é todo abobadado e quem olha para as paredes e teto, pensa que tudo aquilo é de mármore, tal a delicadeza da obra. A calíça de revestimento é finíssima".

Assim descreve, um visitante ilustre, o Real Forte Príncipe da Beira, baluarte ocidental brasileiro, cento e vinte e três anos após o término de sua construção. Todo um mundo de heroísmos, dedicação e afoiteza, vem até nós, trazido pela História, para demonstrar o valor do grupo coeso, da liderança eficaz e da intrepidez patriótica.

Há muitos anos atrás homens garantiram a posse oeste do nosso território, num assomo que, enobrecendo a todos, irradia até hoje a força pujante das ações, e responsabiliza, a todos nós, pela herança que devemos proteger.

Caracterizamos, na visão geopolítica da época, o verdadeiro significado da atual Geopolítica: "Geopolítica é a consciência geográfica do Estado".

A coragem e a abnegação buscaram a posse territorial; os entendimentos diplomáticos firmaram a posse política.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Cel Annibal — Fortificações do Brasil — BiblEX Editora — 1958 — RJ.
- CABRAL, Octaviano — Histórias de Uma Região — Editora Himalaya Ltda. — 1963 — RJ.

- CALMON, Pedro — História do Brasil — Vol. IV — Livraria José Olympio Editora — 1961 — RJ.
- FONSECA, Dr. João Severiano da J Viagem ao redor do Brasil — Tipografia de Pinheiro & Cia. — 1880 — RJ — 2 Vol.
- MARQUES, Dr. Manoel Esperidião da Costa — Região Ocidental do Mato Grosso — Tipografia e Papelaria Hildebrandt — 1908 — RJ.
- MATTOS General Meira — Brasil Geopolítica e Destino — BiblEx Editora — 1975 — RJ.
- PINTO, E. Roquette — Rondônia — Cia Editora Nacional — 1935 — São Paulo — SP.
- Revista Militar Brasileira — Número Especial — Vol. CVII — Centro de Documentação do Ex-Min Ex — 1975 — Brasília — DF.
- RUBIM Rezende — Reservas de Brasilidade — Cia Editora Nacional — 1939 — São Paulo — SP.
- SOUZA Junior General Antonio de — Fronteiras Flutuantes — Gráfica Laemmert Ltda. — 1954 — RJ.
- TAUNAY Visconde de — A cidade do Ouro e das Ruínas — Editora Companhia Melhoramentos — SP.
- VIANA, Hélio — História das Fronteiras do Brasil — Gráfica Laemmert Ltda. — BiblEx — 1948 — RJ.

ASSINE

"A DEFESA NACIONAL"